

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Maria de Lourdes da Rosa Pereira

**Compreensão da ação pedagógica no CAPS II: um olhar entre a  
pedagogia e saúde mental.**

Porto Alegre  
2023

Maria de Lourdes da Rosa Pereira

**Compreensão da ação pedagógica no CAPS II: um olhar entre a  
pedagogia e saúde mental.**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karine Santos

Porto Alegre  
2023

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso busca compreender a ação pedagógica no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), a partir da minha experiência vivida no CAPS II do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), durante o “Estágio de Docência I: Educação Especial, Processos e práticas” do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que foi um marco importante no meu percurso acadêmico para ampliar o olhar acerca da pedagogia para além dos espaços escolares tradicionais. Através desta pesquisa, que assume o caráter de estudo de caso exploratório, retorno ao CAPS para fazer reflexões críticas que contribuam com os estudos que entrecruzam a educação e a saúde mental, através desse importante serviço do Sistema Único de Saúde (SUS). É possível afirmar que a dimensão pedagógica no CAPS perpassa e aprofunda as relações vividas no dia-a-dia, assim como colabora com a protagonização do usuário em seu tratamento.

**Palavras-chave:** CAPS; educação não escolar; pedagogia; prática pedagógica .

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família que está ao meu lado em todos os momentos, celebrando minhas conquistas e me acolhendo nos momentos necessários, em especial às minhas irmãs Tatiane, Daniela e Júlia, obrigada por cada conversa, desabafo, conselho e por nunca soltar minha mão. Amo vocês, obrigada por existirem do jeitinho que vocês são.

A minha avó, a minha base e o meu porto seguro, que me apoia em todas as minhas escolhas, te amo e sei a mulher forte e guerreira que tu és!

Às pessoas incríveis que conheci durante a graduação, às amizades que se fortaleceram e que estão comigo.

A minha orientadora, professora Karine, obrigada por todas orientações, paciência, pelo acolhimento e me tranquilizar durante a minha pesquisa, deixando esse momento mais leve.

Ao pessoal do CAPS, que me recebeu da melhor forma possível, sempre levarei em meu coração cada lembrança e experiência vivida neste espaço tão potente. Obrigada a cada usuário que tive a oportunidade de conhecer e trocar aprendizagens.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2. POR DENTRO DA PESQUISA</b> .....	8
<b>3. REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A PEDAGOGA E SUA PEDAGOGIA</b> .....	14
3.1 PEDAGOGIA E SEUS CAMPOS DE ATUAÇÃO.....	15
3.2 EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR .....	16
<b>4. EDUCAÇÃO NA SAÚDE MENTAL</b> .....	18
4.1 O QUE É O CAPS II DO HCPA? CONTEXTOS:.....	19
<b>5. AÇÕES DO ESTAR JUNTO: DESENVOLVIMENTO PRÁTICO DA PESQUISA</b> .....	21
5.1 TEMPO DE OBSERVAÇÃO.....	21
5.2 OFICINA DE TRABALHO.....	23
5.3 ENTREVISTAS COM USUÁRIAS E A ESTAGIÁRIA DA UNIDADE.....	24
5.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	27
<b>6. O QUE PULSA: COMPREENSÃO DA AÇÃO PEDAGÓGICA NO CAPS</b> .....	30
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	33
<b>ANEXOS</b> .....	36

## 1. INTRODUÇÃO

Entendemos que o espaço de atuação da pedagoga<sup>1</sup> não se restringe às salas de aulas, e que há espaços não-escolares nos quais as perspectivas pedagógicas contribuem de uma maneira muito própria, com metodologias de aprendizagens específicas e intencionais (para se alcançar o objetivo oferecido por determinada instituição). Assim, esta pesquisa, a partir do seguinte problema: *Qual a compreensão que se tem da ação pedagógica em um CAPS?* busca, através de estudos de caso, apontar o que é pedagógico no CAPS e como podemos compreender essa ação.

O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), é um serviço de saúde mental que compõem a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), criada a partir da Reforma Psiquiátrica, que iniciou na década de 1970, “Fundado na crise do modelo de assistência centrado no hospital psiquiátrico, por um lado, e na eclosão, por outro, dos esforços dos movimentos sociais pelos direitos dos pacientes psiquiátricos” (VALENTE, 2023, n.i.). Em defesa do cuidado em liberdade, que não enclausura, mas sim defende o direito de cidadania de todos, principalmente dos usuários<sup>2</sup> psiquiátricos, os CAPS possuem uma regulamentação própria e algumas divisões. O CAPS II, que é o campo desta pesquisa, significa que a unidade atende pessoas com transtornos mentais graves.

Para uma melhor compreensão, abaixo segue as modalidades dos CAPS, segundo a Portaria 336/2002 do Ministério da Saúde:

Caps I: Atendimento a todas as faixas etárias, para transtornos mentais graves e persistentes, inclusive pelo uso de substâncias psicoativas; atende cidades e ou regiões com pelo menos 15 mil habitantes.

Caps II: Atendimento a todas as faixas etárias, para transtornos mentais graves e persistentes, inclusive pelo uso de substâncias psicoativas; atende cidades e ou regiões com pelo menos 70 mil habitantes.

Caps III: Atendimento a crianças e adolescentes, para transtornos mentais graves e persistentes, inclusive pelo uso de substâncias psicoativas; atende cidades e ou regiões com pelo menos 70 mil habitantes.

---

<sup>1</sup> Faço a opção pelo uso da expressão pedagoga no feminino em atenção ao número expressivo de mulheres com formação em pedagogia.

<sup>2</sup> Usuários é a expressão utilizada nos documentos legais das Políticas Públicas da Saúde e da Assistência Social para identificar os sujeitos que utilizam seus serviços.

Caps AD: Álcool e Drogas: Atendimento a todas faixas etárias, especializado em transtornos pelo uso de álcool e outras drogas, atende cidades e ou regiões com pelo menos 70 mil habitantes.

Caps III: Atendimento com até 5 vagas de acolhimento noturno e observação; todas faixas etárias; transtornos mentais graves e persistentes inclusive pelo uso de substâncias psicoativas; atende cidades e ou regiões com pelo menos 150 mil habitantes.

Caps AD III: Álcool e Drogas: Atendimento com de 8 a 12 vagas de acolhimento noturno e observação; funcionamento 24h; todas faixas etárias; transtornos pelo uso de álcool e outras drogas; atende cidades e ou regiões com pelo menos 150 mil habitantes.

Caps AD IV: Atendimento a pessoas com quadros graves e intenso sofrimento decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas. Sua implantação deve ser planejada junto a cenas de uso em municípios com mais de 500.000 habitantes e capitais de estado, de forma a maximizar a assistência a essa parcela da população. Tem como objetivos atender pessoas de todas as faixas etárias; proporcionar serviços de atenção contínua, com funcionamento 24h, incluindo feriados e fins de semana; e ofertar assistência a urgências e emergências, contando com leitos de observação (BRASIL, 2002, n. i).

A partir da minha experiência vivida no CAPS II do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) durante o “Estágio de Docência I: Processos e práticas” do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), surgiu o desejo de pesquisar e compreender as propostas que são desenvolvidas nesse espaço. Diante disso e do problema de pesquisa, o objetivo geral deste estudo também é analisar a dimensão pedagógica das oficinas terapêuticas desenvolvidas por estagiárias de pedagogia com os usuários que fazem tratamento no CAPS II. Além disso, temos os seguintes objetivos específicos: entender o papel social do CAPS e as contribuições de uma pedagoga nesse espaço não-escolar; analisar como são pensadas as atividades com os usuários que participam das oficinas terapêuticas; identificar as contribuições das atividades pedagógicas na saúde mental e social dos usuários.

Algumas destas questões foram bem presentes durante a minha experiência de estágio obrigatório, que de maneira muito peculiar, aconteceu durante a pandemia de Covid-19, de maneira *online*, através de chamadas de vídeo com aqueles que possuíam acesso à internet. Em meio ao isolamento social, a troca genuína entre o grupo, onde a preocupação de uns com os outros era perceptível, afinal todos estávamos afastados, foi uma importante experiência para pensar um cuidado e um afeto.

Para isto, esta pesquisa está dividida da seguinte maneira: Neste capítulo 1, trago uma Introdução geral ao tema, apresentando o problema da pesquisa junto com a justificativa de escolha do estudo da ação pedagógica no CAPS. No capítulo

2, intitulado “Por dentro da pesquisa”, apresento o referencial teórico e a metodologia da pesquisa. O capítulo 3 traz contribuições acerca das reflexões críticas sobre a pedagoga e sua pedagogia, sobre a educação não formal e sobre os campos de atuação da pedagogia. Já no capítulo 4, denominado de “Educação na saúde mental” faço uma apresentação do CAPS do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. O capítulo 5 é dedicado para pensar “Ações do estar junto”, onde nele apresento o desenvolvimento prático da pesquisa, como foi a pesquisa de campo, entrevistas, observação e oficina terapêutica que escolhi para analisar nesta pesquisa, pensando através disso, a pertinência da pedagoga neste espaço. E, no último capítulo, capítulo 6, faço uma análise geral da pesquisa, colaborando com algumas considerações acerca da compreensão da ação pedagógica no CAPS.

## 2. POR DENTRO DA PESQUISA

Essa pesquisa é resultado de um estudo de caso exploratório com abordagem qualitativa, no qual a coleta de dados se deu por meio de observação e entrevistas semi-estruturadas, no período de outubro a dezembro do ano de 2022, no turno da manhã com algumas usuárias do CAPS II do HCPA e uma estagiária de pedagogia. Antes de iniciar a coleta de dados marquei uma reunião com as supervisoras de estágio, onde me receberam muito bem e concordaram com que a pesquisa fosse realizada no CAPS. Em anexo os documentos da proposta de parceria para realização da pesquisa e o termo de consentimento esclarecido, referenciando a preocupação deste estudo com os termos da ética em pesquisa.

Para que se possa compreender melhor, retomo os conceitos referente às abordagens metodológicas deste trabalho:

Estudo de caso: O estudo de caso é uma dentre várias maneiras de investigação que se analisa de maneira profunda uma unidade social. Nesse sentido, Yin (2005), compreende que o estudo de caso é mais empírico, pois investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, ao invés de um fenômeno histórico, pois tem uma ampla variedade com evidências de documentos, artefatos, entrevistas, observação, entre outras. Assim como esses e outros métodos são organizados por questões norteadoras, o estudo de caso é organizado em torno de questões que se referem a: *como?* e *por que?*. No entanto, o pesquisador não tem muito controle sobre os acontecimentos.

Assim como Gil (1999), que define quatro fases da investigação, sendo: delimitação da unidade-caso; coleta de dados; seleção, análise e interpretação dos dados; elaboração da escrita, esta pesquisa se subdivide nesta mesma configuração.

Abordagem qualitativa: A pesquisa qualitativa tem como foco principal produzir informações aprofundada e ilustrativas, preocupando-se mais com aspectos da realidade que não podem ser quantificados. O pesquisador precisa ser parcial e limitado durante a coleta de dados da sua pesquisa, buscando explicar o porquê determinada coisa acontece.

Dentro de tal conceito amplo, os dados qualitativos incluem também informações não expressas em palavras, tais como pinturas, fotografias, desenhos, filmes, vídeos tapes e até mesmo trilhas sonoras (TESCH, 1990), já que o interesse

está na interpretação e não em expressar números, dando ênfase na subjetividade ao invés da objetividade, buscando uma flexibilidade na condução da pesquisa, entre outras características.

**Exploratória:** A pesquisa exploratória acontece quando há pouco conhecimento de determinado assunto ou temática, buscando determinada aproximação para que o estudo se torne mais claro, facilitando a determinação do tema, possibilitando criar hipóteses. É realizado quando um tema é pouco explorado e as ideias se tornam mais difíceis de se formular. O planejamento do estudo precisa ser flexível para que tenha possibilidade de analisar outros aspectos relacionados à temática. O estudo exploratório normalmente é usado quando é necessário definir o problema com maior precisão, tem determinadas características como processo de pesquisa flexível, não estruturado, análise de dados qualitativa, constatações experimentais. Logo, realizar uma pesquisa exploratória é reunir o máximo de informações seja com levantamento de fontes secundárias, estudos de casos selecionados e observação, possibilitando novas características, buscando novas dimensões, onde uma nova temática possa surgir contribuindo nos estudos. Ainda assim, quando o pesquisador já tem um certo conhecimento sobre o assunto a pesquisa exploratória continua sendo útil, pois para um mesmo fato pode haver várias explicações alternativas, tomando conhecimentos de algumas para expandir seu conhecimento, dando mais subsídio para pesquisas futuras. Andrade (2002) corrobora com esse entendimento de que é imprescindível proporcionar maiores informações sobre o assunto investigado para que seja possível formular novas hipóteses.

Outro conceito que é importante para esta pesquisa é o de observação, afinal, em vários momentos do dia nos pegamos observando algo, alguém ou alguma situação, que queremos saber mais informações ou a melhor maneira de agir, logo a observação está presente no nosso dia a dia, mas ela só se torna um instrumento científico quando é usada para tal, sendo sistematicamente planejada e registrada. Dentro da observação, como instrumento científico há quatro momentos bem importantes: a decisão, o preparo, o desempenho e o registro (RICHARDSON, 1999).

Quando estamos em campo de pesquisa para observarmos o que é de nosso interesse é necessário estar aberto e atento para coletar as informações precisas e necessárias, não se restringindo apenas no que vemos, mas no que sentimos no

momento da observação. Para essa pesquisa, participei de oito encontros com os usuários e as estagiárias de pedagogia, como observadora-não participante, pois o objetivo era ver e registrar o máximo de informações pertinentes que agregassem nesta pesquisa, sem a intervenção direta da pesquisadora.

Além da minha participação em campo, realizei uma busca bibliográfica, para poder afinar o olhar e compreender alguns processos pedagógicos que ocorrem no CAPS, a partir da experiência de outros colegas de profissão. Diante disso, foi realizado um levantamento bibliográfico no Repositório Digital LUME da UFRGS. Para selecionar os trabalhos acadêmicos foi usado os seguintes descritores: “CAPS adulto e a pedagogia”; “saúde mental”; “pedagogia não escolar”.

**Quadro 1:** Listagem dos trabalhos encontrados no LUME

<b>Título</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Origem</b>	<b>Autor</b>	<b>Área do conhecimento</b>
Entrelaços da educação e saúde: narrativas de pedagogas em formação e a atuação no Centro de Atenção Psicossocial.	2022	Trabalho de conclusão de curso.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Karolyne de Oliveira Castro	Pedagogia
A tentativa de uma pedagogia “desincapsuladora”.	2014	Trabalho de conclusão de curso.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Aline Britto Miranda	Pedagogia
“Oh sora”: entre espalhões de uma pedagogia preta em um Centro de Atenção Psicossocial Adulto.	2022	Trabalho de conclusão de curso.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Aline Milena Castro Matos	Pedagogia

O papel do pedagogo no Centro de Atenção Psicossocial: Um estudo de caso da oficina Tecendo Poesias.	2020	Trabalho de conclusão de curso.	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Marcela Lorea Gomes	Pedagogia
A expectativa dos usuários e as intenções dos trabalhadores de um centro de atenção psicossocial.	2011	Tese	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Cíntia Nasi	Enfermagem
Pedagogia, ludopedagogia e lúdico: narrativas de trabalhadoras dos serviços de saúde mental e educadores acerca de ações promotoras de saúde mental de jovens e adultos	2022	Trabalho de conclusão de curso	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Miriam Chiara Coelho Pavan	Pedagogia

FONTE: Elaborado pela autora com base na pesquisa realizada (2023).

Considerando a abertura desta pesquisa para o que surge a partir do ato de pesquisar, a seleção das teses e dissertações foi fluindo conforme a leitura era realizada, considerando: 1) A proximidade de ideias em relação à pedagogia e à saúde mental; 2) A experiência de estar no CAPS II - conhecendo a realidade dos usuários e o trabalho dos profissionais que compõem esse espaço, valorizando o trabalho desenvolvido; 3) A sensibilidade no olhar e na escrita.

Três trabalhos foram selecionados:

**Quadro 2:** Trabalhos disponíveis que foram selecionados para a análise bibliográfica.

TÍTULO	TIPO DE PUBLICAÇÃO	ORIGEM	ANO	PALAVRAS-CHAVES	AUTOR
--------	--------------------	--------	-----	-----------------	-------

A tentativa de uma pedagogia “desincapsuladora”.	Trabalho de conclusão de curso	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2014	Cartografia; Experiência; Pedagogia; Saúde Mental.	Aline Britto Miranda
“Oh sora”: entre espalhações de uma pedagogia preta em um Centro de Atenção Psicossocial Adulto.	Trabalho de conclusão de curso	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2022	Pedagoga Preta; Narrativas; Espalhações; Educação e Saúde; Centro de Atenção Psicossocial.	Aline Milena Castro Matos
Entrelaços da educação e saúde: narrativas de pedagogas em formação e a atuação no Centro de Atenção Psicossocial.	Trabalho de conclusão de curso	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2022	Pedagogia; Narrativas; Cartografia; Saúde Mental; Centro de Atenção Psicossocial.	Karolyne de Oliveira Castro

FONTE: Elaborado pela autora com base na pesquisa realizada (2023).

Miranda (2014), em sua escrita faz uso da metodologia experimental, por ter uma participação ativa na pesquisa, usando também a cartografia e fotografia como procedimento, trazendo memórias e escritas. Seu objetivo é relatar sua experiência de estágio não-obrigatório no CAPS II e junto com essas memórias trás os ditos espaços não escolares e seus efeitos sobre a vida dos usuários, além da relação profunda entre a educação e a saúde. Outro aspecto importante que a autora aborda, são as suas inquietudes frente à marginalização da Educação de Jovens e Adultos. Miranda (2014), ainda vai evidenciar como o louco é visto na sociedade, pensando seus direitos e seus modos de viver. “A loucura é algo que nos dá medo, mas de onde vem o medo que sentimos dos loucos? Isso surge lá no período medieval com a criação dos hospitais psiquiátricos” (MIRANDA, 2014, p. 17).

Matos (2022), em sua pesquisa teórica-metodológica busca um estudo mais profundo entre a relação da educação e saúde, nos provoca a refletir sobre o deslocamento da Pedagogia como categoria profissional e onde a pedagoga se encaixa no espaço de saúde. Ao questionar se “[...]ser pedagoga é ser professora?”

(p. 31), a pesquisadora aponta a importância da escuta pedagógica. Como mulher negra as questões étnicas compõem a sua escrita, “[...]levantando a pauta do silenciamento dos conhecimentos plurais do povo preto que estão presentes na universidade [...] reforçando um ensino para uma classe elitista” (p.11), logo seu referencial teórico é construído a partir de autores pretos e pretas.

Castro (2022), usa em sua pesquisa o método cartográfico sem intenção de haver um resultado final em sua pesquisa, mas sim levantar questionamentos para contar o seu processo no CAPS. Seu objetivo é enxergar as pedagogas que atuam na saúde mental, trazendo um recorte para três estudantes de pedagogia que tiveram sua experiência de estágio obrigatório e não obrigatório dentro do CAPS, questionando a todo momento, como se dá a atuação da pedagogia na assistência e atendimento dos usuários, sejam crianças, jovens ou adultos.

Esses importantes trabalhos colaboram para que se possa partir do seguinte entendimento: a pedagogia é uma ciência voltada à área de aprendizagem, mas isso não quer dizer que esse profissional precisa estar somente na escola, pois ela (a escola) não é o único espaço em que há processos de ensino e aprendizagens. As práticas educacionais estão longe de estarem somente nas escolas, nas turmas de alfabetização com crianças do primeiro ciclo, pelo contrário, as práticas educacionais estão em constantes espaços, por isso a importância de olhar a pedagogia em diferentes atuações, para que se possa identificar essa potência. Os trabalhos selecionados, que defendem uma educação na saúde, também denunciam que embora a discussão da ampliação dos espaços de atuação da pedagogia esteja sendo mais fomentada, ainda precisamos lutar muito, enquanto categoria profissional, para ocupar esses espaços.

### 3. REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A PEDAGOGA E SUA PEDAGOGIA

A pedagogia e a pedagoga estão, dentro de um senso comum, inteiramente ligados a salas de aulas, já que grande parte das oportunidades de trabalho das pedagogas tem como foco a sala de aula e todas as características pedagógicas que nela compõem. Mas sabe-se que não é somente esse campo de atuação que a pedagoga pode estar inserida, por isso, precisamos discutir os espaços não escolares que podem ser preenchidos por esses profissionais da educação. Para isso, essa pesquisa busca em Libâneo (2004), Miranda (2014), Matos (2022), Castro (2022) e nas políticas públicas, embasamento teórico para fomentar essa discussão.

A Pedagogia se ocupa, de fato, com a formação escolar de crianças, com processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, mas, antes disso, ela tem um significado bem mais amplo, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa (LIBÂNEO, 2004, p.29-30).

Reconhecendo a importância e relevância da educação na sociedade “[...] não há como dizer que a escola é o único lugar para construir aprendizagens e para a aprendizagem se dar” (CASTRO, 2022, p. 32), afinal, aprendemos e ensinamos algo todos os dias, seja uma receita, um caminho novo, uma música, entre outras coisas do dia a dia. Sabemos que as primeiras práticas de ensino vem da família, da comunidade, da igreja e depois da escola, assim vamos nos constituindo e vivendo várias experiências que vão muito além da “caixa” escolar e suas práticas. O que diferimos aqui, da vivência familiar, igreja ou comunidade, é a aprendizagem pautada numa perspectiva intencional, que é a prática pedagógica que se preocupa com o contexto do sujeito, suas formas de aprendizagem e possíveis métodos que poderão gerar um prazer desafiador e isso, não se restringe só a sala de aula.

#### **EDUCAÇÃO**

**e·du·ca·ção**

**1** Ato ou processo de educar(-se).

**2** Processo que visa ao desenvolvimento físico, intelectual e moral do ser humano, através da aplicação de métodos próprios[...] <sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=QX0y>> Acesso em 25 de março de 2023.

A palavra “educação” no dicionário Michaelis Online tem algumas definições, conforme citado acima, o próprio significado demonstra que existem muitas maneiras de ensinar, por isso, não podemos restringir essas práticas e fazer associações generalizadas de que ensinar está ligado a práticas de alfabetização ou tudo aquilo que esteja ligado à escola.

Educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais (LIBÂNEO, 2004, p. 30).

Embora a educação seja o campo de atuação do profissional em pedagogia, ela também é influenciada diretamente por vários fatores políticos e sociais. As ações da pedagoga, em espaço escolar e não escolar, são pré-determinadas por um posicionamento do órgão por trás do oferecimento do serviço ou pelas escolhas do educador, no caso de educadores autônomos.

Ao afirmar a educação como uma área de conhecimento capaz de atuar na saúde mental, estamos defendendo sim um viés político, pautado no cuidado em liberdade, contrapondo os cenários vividos nos manicômios. A pedagoga e sua pedagogia são capazes de, no entrelaço da saúde e educação (CASTRO, 2022), afirmar uma potência que considera os sujeitos, permitindo que se expressem a partir da sua loucura. Matos (2022) vai nos relatar, em seu trabalho de conclusão de curso, que a partir da sua experiência em um CAPS “[...]os usuários demonstravam engajamento em cada proposição e o que vinha a partir eram méritos dos usuários e não do propositor [...]” (p. 38). Esse exemplo corrobora para pensarmos a importância da pedagogia nesse espaço, para que ações intencionais sejam propostas aos usuários e eles consigam expor todo o seu potencial, através de um protagonismo compartilhado e de uma postura profissional, por parte da propositora, que reconhece que a grande ação é o sujeito quem faz.

### 3.1 PEDAGOGIA E SEUS CAMPOS DE ATUAÇÃO

Embora não seja o foco deste trabalho, de maneira muito breve, se utiliza deste espaço de trabalho científico para registrar a necessidade de pensar um currículo nos cursos de pedagogia que não a herança que nos acompanha desde do

surgimento desta licenciatura, que é a formação completa apenas para a atuação nas escolas. De acordo com as Diretrizes CNE/CP, 2006:

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, 2006, n. i.).

Se sabemos que existem outras áreas que possuem a necessidade dos conhecimentos pedagógicos, porque não as contemplar com mais destaque nos currículos? Há outras áreas, como a da saúde mental, que é com o que se preocupa esta pesquisa, que podem ser devidamente ocupadas por pedagogas para que seja desenvolvido não apenas um papel educacional, mas para além, como desenvolvimento de estratégias específicas com um olhar mais atento, promovendo um melhor engajamento dos envolvidos.

### 3.2 EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR

A educação não escolar deriva de práticas educativas que acontecem fora do ambiente escolar. Atendendo a demandas que vão além da escola, muitos espaços não escolares têm investido e ganhado força por desenvolverem práticas educativas intencionais, proporcionando trabalhos e ações que contribuem no desenvolvimento social, educacional, político e religioso. Infelizmente há ainda muito preconceito em relação a esses espaços por não se configurarem como uma educação escolarizada tradicional.

[...] pensar no sentido da Educação Não Escolar não como uma oposição à escola, mas como uma forma de educação que se identifica por não ser distinta à escolar e que, com relação a esta, pode estabelecer interfaces de colaboração, complementaridade, associação e suporte (SEVERO, 2015, p. 566).

A educação não escolar ocorre em espaços, instituições, contextos e âmbitos sociais diferentes das escolas com intenção de desenvolver práticas educativas intencionais. Esses espaços representam ações que podem ser levadas para toda a vida com base nas necessidades da comunidade em que se está inserida e a contextualidade de cada sujeito. Na educação não escolar é valorizado muito a

cultura e experiência vivida pelo sujeito para a construção dos seus saberes e senso crítico.

Refletindo sobre a minha trajetória acadêmica, percebo, de modo geral, o quanto durante o nosso percurso acadêmico somos “empurrados” para atuar dentro das escolas, sem a preocupação de outras práticas (MATOS, 2022, p. 30). São poucos os estágios não-obrigatórios (extracurriculares) que nos possibilitam atuar em espaços não escolarizados. Diante disso, há todo um movimento: vamos nos acomodando e achando que o “normal” são as práticas de estágios nesses espaços escolares tradicionais, talvez por haver uma demanda muito grande de profissionais, principalmente na área da educação infantil, ou porque nos faz pensar na possibilidade de uma compreensão mais real da teoria abordados em sala de aula. Mas, me pergunto: nos espaços não escolares essa ação de inserção, durante a graduação, também não seria possível? Será que há uma resistência desses espaços ou nos falta informação sobre o quadro de vagas? Há vagas de trabalho para pedagogas em outros espaços além da escola? Ou então, nós pedagogas não enxergamos esses lugares e nos direcionamos para aquilo que é do senso “comum” já que somos destinados a isso?

Entendo que há outros campos de atuação de pedagogas em que os processos de ensino e aprendizagem acontecem de maneira direcionada, mas alheias aos conteúdos escolares. São espaços que oferecem a possibilidade de aprendizagem e socialização dos saberes, havendo uma maior participação e conscientização social, possibilitando compartilhar conhecimentos adquiridos cotidianamente. O resultado final, com certeza, seria muito positivo para a sociedade como um todo.

#### 4. EDUCAÇÃO NA SAÚDE MENTAL

A saúde é um desses diversos campos de atuação onde podemos enxergar essa conexão. Ainda que setores bem diferentes, educação e saúde conversam através da atuação da pedagoga que desenvolve um papel ímpar nesse ambiente, proporcionando um processo mais eficaz e assertivo, já que é uma profissional que possui domínio dos processos de aprendizagem e métodos.

[...] o pedagogo é profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica. Em outras palavras, pedagogo é um profissional que lida com fatos, estruturas, contextos, situações, referentes à prática educativa em suas várias modalidades e manifestações (LIBÂNEO 1996, p. 127).

A saúde de acordo com a Constituição Federal (BRASIL, 1988) é um direito de todo cidadão e dever do Estado. No Brasil o Sistema Único de Saúde (SUS) oferta, além do atendimento assistencial, ações de vigilância sanitárias, bem-estar físico, social e mental de maneira gratuita.

No ambiente hospitalar a atuação da pedagoga é direcionada às crianças, jovens e adultos hospitalizados, com o objetivo de promover integração entre o indivíduo e o ambiente escolar, fazendo com que esse período hospitalar se torne mais brando possível, fortalecendo o vínculo com a família e escola.

Já no Serviço de Atendimento à Saúde Mental, o papel desenvolvido é proporcionar aos usuários diferentes tipos de aprendizagens, para que ele se torne um sujeito mais autônomo, estimulando a reinserção de cada indivíduo na sociedade, proporcionando práticas que desenvolvam a cidadania.

Quando falamos em saúde mental, a pedagoga é talvez um dos últimos profissionais a serem pensados para atuar nesse ambiente, a partir disso surgiu a curiosidade de conhecer o CAPS II e realizar o meu estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Pedagogia neste espaço. O estágio foi realizado em dupla, facilitando as trocas, compartilhamentos de ideias, experiências e anseios. Desenvolvemos uma oficina com os usuários que acontecia uma vez por semana com duração em torno de 45 minutos à 1 hora.

#### 4.1 O QUE É O CAPS II DO HCPA? CONTEXTOS:

O Centro de Atenção Psicossocial II faz parte do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Os atendimentos deste serviço acontecem de segunda a sexta, das 8 horas da manhã até às 18 horas. Ele é composto por uma equipe multiprofissional incluindo profissionais da psicologia, psiquiatria, enfermagem, terapia ocupacional, educação física e estagiários de pedagogia. Essa atuação conjunta contribui na decisão de planejamento do plano terapêutico de cada usuário de acordo com suas particularidades. As discussões entre equipes são realizadas semanalmente, com os responsáveis de cada departamento para compartilhar a evolução dos casos e com todos os profissionais atuantes, para apresentar novos casos que chegam.

Um dos seus objetivos é a promoção de saúde mental em tratamento e reinserção social dos usuários, oferecendo meios para que o usuário tenha uma reinserção na sociedade de uma forma autônoma, restabelecendo vínculos com o seu entorno social, para que ele não se torne dependente somente das relações e vínculos criados dentro desse espaço, mas possa se sentir seguro para participar de outros grupos e espaços de convívios sociais, possibilitando se relacionar com pessoas diferentes.

De acordo com a portaria nº 336 de 19 de fevereiro de 2002 (BRASIL, 2002) os serviços prestados devem ser de atendimentos individuais (medicamentoso e de orientações), atendimentos em grupos, como psicoterapia, atividades de suporte social, oficinas terapêuticas, visitas domiciliares, atendimento às famílias, entre outros. Para ter acesso a esse espaço é necessário encaminhamento das Unidades Básicas de Saúde (UBS) de sua região, ou vindo de internação psiquiátrica. Após o indivíduo é encaminhado via sistema eletrônico ao CAPS mais próximo conforme suas necessidades e gravidade.

Além dos atendimentos e acompanhamentos que são feitos por profissionais da área da saúde, o CAPS HCPA oferece diversas atividades para promover o bem-estar dos usuários. A faixa etária dentro do CAPS Adulto varia muito, logo para que todas as idades sejam contempladas, são pensadas diversas atividades que são desenvolvidas com os usuários, tais como oficinas de vôlei, bordado, futebol, oficina de trabalho, habilidades sociais, culinária e etc. Também é oferecida refeição no

local e passagem para os usuários que precisam para o deslocamento das consultas e oficinas já que “[...]as oficinas terapêuticas são uma das principais formas de tratamento oferecidas no CAPS” (BRASIL, 2014, p. 20).

Um dos grandes desafios é que todos aqueles que necessitam de atendimentos e tratamento possam ser atendidos e acompanhados de forma eficaz. “Os tratamentos no CAPS vem contribuindo para amenizar o sofrimento psíquico de seus usuários, gerando mudanças no dia-a-dia e possibilitando uma retomada de suas vidas” (NASI; SCHNEIDER, 2011, p. 5)

A preocupação e cuidado com os usuários é uma prioridade desse espaço social, fazendo com que o sujeito seja livre para fazer as melhores escolhas dentro das possibilidades oferecidas, respeitando suas considerações e seus conhecimentos, possibilitando uma melhor evolução no seu tratamento.

## 5. AÇÕES DO ESTAR JUNTO: DESENVOLVIMENTO PRÁTICO DA PESQUISA

### 5.1 TEMPO DE OBSERVAÇÃO

Para contribuir no desenvolvimento do plano terapêutico dos usuários, são realizadas algumas oficinas que são oferecidas para contribuir de forma direta na vida dos sujeitos que estão em tratamento. Cada oficina tem seu dia específico. Os usuários novos que chegam ao CAPS e se dispõem a participar de alguma atividade, podem optar pelas oficinas disponíveis no momento, conforme o horário que o usuário tiver disponibilidade para participar. Não são todos os usuários que fazem parte das oficinas, isso depende de como está a sua saúde física, gravidade mental e o desejo de se envolver em uma atividade que o tire de sua “zona de conforto”, que é ficar em casa.

A minha inserção no espaço se deu através de alguns momentos de observação e realização de entrevistas. Quando cheguei ao CAPS, não sabia muito bem quais as oficinas que estavam acontecendo, logo, não tinha ideia de qual escolher para a minha pesquisa. Diante disso, me aventurei em observar algumas: a primeira foi a de vôlei, fui em uma média de três encontros para conhecer mais os usuários, as atividades propostas e ir me aproximando deles; a segunda foi a oficina de preparação do trabalho, mas como ela ainda estava em construção, acabei participando das reuniões de planejamento para entender melhor seu objetivo; por último, mas não menos importante, fui em uma oficina de bordado. Assim, notei que cada oficina tem sua particularidade e isso é muito potente e enriquecedor.

As oficinas conduzidas, em conjunto com estagiárias de pedagogia eram a de bordado e a oficina de trabalho, por isso, trago breve relato das duas: Na oficina de bordado havia em torno de cinco usuários, quatro mulheres e um homem, todos muito dispostos e receptivos com a minha inserção no espaço. Nesse dia eles tinham um objetivo muito claro que foi orientado pela estagiária responsável por desenvolver a oficina, era o de finalizar os bordados que ainda não estavam prontos pois em poucos dias as confecções iriam para uma exposição. Após essa orientação todos ficaram muito concentrados para finalizar os bordados. O que mais me chamou a atenção foi a forma e simplicidade de como eles se ajudavam, seja ao colocar a linha na agulha, pensar em algum desejo para bordar ou na escolha de uma música (eles iam bordando os tecidos e ouvindo música).

A oficina do trabalho era dirigida por duas estagiárias, uma de pedagogia e outra de terapia ocupacional, sempre supervisionada por um profissional da equipe fixa<sup>4</sup>. A estagiária da pedagogia já tinha realizado essa oficina em uma primeira versão no seu estágio obrigatório, logo tinha um conhecimento maior tanto na abordagem dos assuntos como na relação com os usuários. A oficina do trabalho não era apenas levar aos usuários os direitos e deveres que eles teriam em uma empresa, tampouco era pensar em oportunidades de empregos que fizesse sentido para cada um, ela era uma certeza de saber que quem estava indo toda segunda de manhã nessa atividade, desejava muito mais que uma reinserção no mercado de trabalho, desejava ser visto como um ser ativo, ajudando nas despesas de casa, proporcionando algo melhor para seus filhos e ser reinserido novamente na sociedade, se reconhecendo como cidadão que exerce seus direitos, já que os usuários são pessoas com transtornos mentais graves e por esse motivo foram/são afastadas dos locais de trabalho formal. Alguns dos participantes estão há 5, 8 até 10 anos sem trabalhar, nessa oficina eles enxergavam e desejavam uma nova oportunidade, saindo da “desvantagem” que estavam por estarem tanto tempo afastados.

Com o decorrer da observação percebi que a oficina que mais se encaixava no meu objetivo era a de preparação para o trabalho, a partir disso passei a acompanhar somente esta, já que tive a oportunidade de acompanhar as primeiras reuniões e sua execução, até o dia em que foi dada uma pausa pelas festas de final de ano. Para coletar os dados necessários participei de oito encontros, sendo dois deles reuniões de preparação para a escolha dos usuários aptos a participarem e a outra, para preparação dos temas abordados.

Considerando que o ato de observar também exige preparação, foram elaboradas 3 questões para que antes da minha inserção direta com os usuários, eu pudesse compreender o contexto proposto pelas estagiárias.

**Quadro 3:** Relato das observações

<b>ENTREVISTADORA:</b>	<b>ENTREVISTADAS:</b>
<b>Como funcionam as oficinas?</b>	As oficinas acontecem às segundas-feiras às 10 da manhã, tem duração de uma hora

<sup>4</sup> É composta por profissionais de diferentes áreas como; psiquiatra, terapeuta ocupacional, educador físico, psicólogo, enfermeiro, técnico de enfermagem e técnico administrativo.

	<p>cada encontro. Os usuários chegam, conversam um pouco e depois a responsável por levar o assunto planejado no dia dá início com uma roda de conversa e depois mostram alguns slides para que os usuários consigam visualizar o que está sendo tido, às vezes é apresentado vídeos, podcast, imagem ou frases para reflexão.</p>
<p><b>O que está sendo realizado com os usuários?</b></p>	<p>Rodas de conversas e simulação de alguma situação no ambiente do trabalho com os usuários, pois muitos deles estão a anos longe do trabalho formal, não lembram como é uma entrevista nem as perguntas feitas durante a entrevista, eles não sabiam por onde começar para fazer um currículo e foi realizado uma oficina para orientar, entre outros.</p>
<p><b>Qual a proposta desenvolvida com eles?</b></p>	<p>A proposta é para que os usuários se sintam mais seguros ao serem chamados para uma entrevista, fazer e encaminhar o currículo do que precisam de auxílio no computador e mostrar algumas vagas que se encaixam com cada um.</p>

FONTE: Elaborado pela autora com base na pesquisa realizada (2023).

## 5.2 OFICINA DE TRABALHO

O primeiro aspecto que destaco e adianto aqui, é que a oficina acabou contando apenas com a adesão de mulheres. Muitas ainda não tinham participado de nenhuma oficina antes, logo se esperava que chegassem tímidas. De fato, estavam um pouco introspectivas, mas com muita vontade de aprender e conseguir um trabalho para ajudar em casa com as despesas. Ao passar dos dias, elas foram adquirindo conhecimentos específicos sobre como se desenvolver no mercado de trabalho, assim como a autonomia ao se posicionar e expressar sua opinião, contribuindo com suas aprendizagens e vivências. Desde o primeiro momento pude observar uma troca muito bonita entre quem está “ensinando e aprendendo”. Freire (1987, p. 68) nos ajuda com esse entendimento, ao afirmar que: “Não há saberes mais, nem saberes menos, há saberes diferentes”.

No primeiro dia de oficina participaram apenas três usuários, na lista constavam oito nomes. No segundo dia repetiu-se a quantidade, porém eram pessoas diferentes, a partir disso notei duas coisas: isso é muito comum, o baixo

número de usuários e, sempre há alguém novo para participar, porém não há grande adesão. A maior dificuldade no desenvolvimento das dinâmicas era a inconstância da parte dos usuários em frequentar a oficina, pois se tornava necessário sempre retomar coisas que foram faladas e mostradas anteriormente, mas que se não retomadas, não haveria um entendimento total do assunto discutido. Para isso, era necessária uma sensibilidade de quem estava responsável por levar o assunto escolhido no dia. Percebi a necessidade que há de exercer uma *pedagogia do recomeço*, pois a oficina havia uma continuidade, o objetivo mantinha-se o mesmo desde o início, mas na ação com os usuários toda a oficina era um recomeço, tanto de memórias que precisavam ser resgatadas, assim como a esperança acesa em cada um para ser chamados em uma entrevista de emprego. Mas, também para as estagiárias que tinham a sensibilidade, paciência, prontidão e boas estratégias pedagógicas para abordar diferentes temas, que também passassem pelos interesses dos usuários que ali frequentavam, abraçando e incluindo todos aqueles que chegavam depois, para que nenhum se sentisse deslocado ou saísse com alguma dúvida.

### 5.3 ENTREVISTAS COM USUÁRIAS E A ESTAGIÁRIA DA UNIDADE

As entrevistas semiestruturadas colaboraram com essa pesquisa, a fim de evidenciar uma análise das próprias profissionais e dos usuários, em vivência do cotidiano do serviço

Para realizar as entrevistas foram escolhidas quatro usuárias, todas do sexo feminino, mas apenas três participaram. A escolha das usuárias entrevistadas se deu por: 1 - participação; 2 - envolvimento durante as dinâmicas; 3 - baixa permanência de participação até o final. Optei por realizar as perguntas de forma individual sempre após a oficina, que também foi a forma com que as entrevistadas se sentiram mais confortáveis, logo a entrevista se deu em três dias diferentes. Para a entrevista com as estagiárias escolhi apenas duas, por critério de curso já que ambas cursam pedagogia na UFRGS, mas por motivos pessoais e contratempos, apenas uma conseguiu participar da entrevista. Ainda assim, todas as entrevistas foram realizadas presencialmente, onde participaram três usuárias e uma estagiária da pedagogia.

A seguir, confira o quadro de perguntas das entrevistas:

**Quadro 4:** Pergunta das entrevistas feitas para os usuários e estagiária.

<b>ENTREVISTA</b>	
<b>PERGUNTAS PARA OS USUÁRIOS:</b>	<b>PERGUNTAS PARA A ESTAGIÁRIA</b>
Idade?	Gênero que se identifica?
Escolaridade?	Idade?
É atendido por mais algum outro serviço na rede?	Qual semestre está cursando?
Quanto tempo você é atendido no CAPS?	Há quanto tempo trabalha no CAPS?
Porque você é atendido aqui no CAPS?	Já trabalhou em outros lugares? quais? Como surgiu a oficina que participa/coordena?
Como o CAPS ajuda no teu dia a dia?	Qual é objetivo da oficina? Como ela é planejada?
O que tu acha que é mais importante no CAPS?	Como ela é executada? Qual a relevância dessa oficina para o atendimento no CAPS em geral?
O que você mais gosta de fazer aqui no CAPS?	Qual o papel da pedagogia no serviço de saúde mental?
Pra ti qual palavra define o CAPS?	Como você se percebe como profissional no centro de atenção psicossocial? Quais as suas principais atribuições?
	O curso de Pedagogia proporciona um repertório possível para ser usado dentro desse espaço da saúde?

FONTE: Elaborado pela autora com base na pesquisa realizada (2023).

Diante da seleção prévia das perguntas compostas no quadro 4, foi possível traçar um perfil das usuárias entrevistadas, a partir das respostas obtidas. O perfil se encontra no quadro 5 disposto abaixo:

**Quadro 5:** Perfil do grupo de usuárias entrevistadas.

<b>PERFIL DAS USUÁRIAS</b>	
IDADE MÉDIA:	<i>36 a 37 anos.</i>
ESCOLARIDADE MÉDIA:	<i>Ensino fundamental completo.</i>
TEMPO DE PERMANÊNCIA NO CAPS:	<i>Em torno de um ano.</i>

FONTE: Elaborado pela autora com base na pesquisa realizada (2023).

Como já mencionado, durante o desenvolvimento deste trabalho realizei a entrevista com 3 usuárias, por serem as únicas que participaram até o final da oficina. Considerando que esse fluxo de ir e vir dos usuários é comum nas oficinas no CAPS, somo a isto o fator época do ano em que ocorreu (dezembro 2022) a coleta de dados, para explicar a dificuldade de permanência de muitos usuários na oficina, já que as férias e festas de final de ano estavam próximas e muitos estavam viajando.

A pesquisa encontrou essa mesma dificuldade em entrevistar as estagiárias de pedagogia que atuam no serviço. O objetivo era compreender melhor essa inserção das estagiárias, através da ampliação do olhar acerca do papel que elas exerciam/exercem no CAPS; assim como propor uma análise mais detalhada das ideias trazidas por elas ou até mesmo as diferentes visões do espaço. Não foi possível contemplar e obter esse resultado, pois uma das possíveis entrevistadas não conseguiu disponibilizar algum horário para que a entrevista fosse realizada. Diante disso, temos o seguinte perfil, da estagiária que coordena a oficina de trabalho.

**Quadro 6:** Perfil da estagiária entrevistada

<b>PERFIL DA ESTAGIÁRIA</b>	
<b>IDADE</b>	<i>25 anos</i>
<b>GÊNERO</b>	<i>Feminino</i>
<b>FORMAÇÃO E TEMPO DE EXPERIÊNCIA</b>	<i>Pedagogia, em torno de sete meses.</i>
<b>PRINCIPAIS ATRIBUIÇÕES NO CAPS</b>	<i>Contribuição na evolução do usuário, interação social, reinserção do usuário na</i>

	<i>sociedade como pessoa ativa.</i>
<b>VISÃO TEÓRICO-PRÁTICA DO CURSO DE PEDAGOGIA E A ATUAÇÃO NO CAPS:</b>	<i>As leituras e propostas apresentadas na faculdade dão um suporte muito bom, claro que faço uma adaptação para os usuários.</i>

FONTE: Elaborado pela autora com base na pesquisa realizada (2023)

#### 5.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir da observação e entrevista, foram selecionados um tópico de cada grupo de entrevista para abordar nesta seção. Os assuntos selecionados, a partir das respostas das entrevistadas, visam potencializar a compreensão da importância do profissional de pedagogia, seu olhar e escuta.

Durante a entrevista, de forma unânime, quando questionado se elas eram atendidas em outro espaço a não ser o CAPS, a resposta em comum foi “não”, elas iam somente ao CAPS. A partir disso, podemos compreender o papel social que esse espaço tem na vida dessas usuárias, porque esse é o único lugar no qual elas têm a oportunidade de receber seu tratamento de forma pública, gratuita e com excelência. Um tratamento que não visa apenas a parte medicamentosa, mas sim a socialização com pessoas diferentes, que não sejam da família ou amigos próximos. Por isso, a importância de defender esse espaço que tem suas práticas “[...] destinadas a acolher os pacientes com transtornos mentais, estimular sua integração social e familiar, apoiá-los em suas iniciativas de busca da autonomia [...]” (BRASIL, 2004, p.9). Pela continuidade de um espaço que acolhe e ao mesmo tempo dá voz a aqueles que muitas vezes são silenciados, apenas por terem algum transtorno mental, um CID específico.

*“O CAPS mudou a minha vida, literalmente, porque antes eu não saía de casa, não pegava ônibus, não saía sozinha, agora eu saio, pego até ônibus, tomo os remédios direitinho”*

(ENTREVISTADA 1: Trecho da entrevista - registro em diário pessoal)

Mais do que um relato de quem viveu e observou a transformação significativa do espaço do CAPS, na vida de cada usuário, essa transformação aparece na fala dos mesmos, assim, podemos observar e confirmar a importância

das ações realizadas dentro desse serviço, que acolhe os usuários e toda sua vivência pessoal.

Após as entrevistas, foi possível traçar o perfil das entrevistadas, diante disso, notei que todas as entrevistadas frequentam o CAPS no máximo a um ano. Considero esse período curto, considerando o tratamento, mas que, apesar dessa periodicidade já há resultados positivos, como por exemplo a frequência de forma assídua, em uma oficina. Essa permanência, exige para o usuário sair de um lugar que ele estava acostumado, provoca interação com outras pessoas, estimulando a vontade de voltar a ocupar outros lugares.

A partir da entrevista realizada com a estagiária de pedagogia, selecionei o seguinte tópico: a importância da elaboração das atividades a partir do interesse dos usuários, mas que também contemplem o objetivo maior da oficina.

Na pedagogia estamos acostumados a fazer planejamentos, pensar em propostas, dinâmicas, atividades e as melhores estratégias para que o objetivo pedagógico seja alcançado, nesse espaço da saúde não é diferente, semanalmente acontecem planejamentos, para pensar estratégias e o desenvolvimento dos assuntos e temáticas a serem abordados. Para agregar a isso, no final de cada encontro de oficina, é perguntado aos usuários se algum deles gostaria de deixar alguma sugestão, deixando, desse modo, o espaço aberto ao diálogo e marcando que eles são necessários para contribuir no desenvolvimento da oficina, possibilitando assim uma relação mais horizontal. Uma das maiores preocupações que as estagiárias possuíam era a de que nenhum usuário saísse com dúvida, por isso, elas procuravam abordar o mesmo assunto de diferentes maneiras. Já a preocupação dos usuários consistia em achar uma vaga de emprego. Como estratégia colaborativa, no final de cada oficina sempre era destinado um tempo para ver as vagas do mercado de trabalho em aberto, baseando-se nas que se encaixavam em cada perfil, além disso, nesse momento também era conferido se havia algum retorno dos currículos já enviados por e-mail. Esse momento era marcado por uma demanda das estagiárias em estar acolhendo aquele usuário que estava preocupado com determinada vaga e não era chamado.

Além das propostas e dinâmicas realizadas com os usuários há várias outras contribuições das pedagogas neste espaço, como a escuta sensível e atenta às demandas que eles levavam; as conversas que aconteciam antes e após as oficinas, na qual as angústias, alegrias e conquistas eram compartilhadas, possibilitam

também um apoio na resolução de determinado problema, que não necessariamente fazia parte da oficina, mas que era importante para o usuário naquele momento resolver.

Abaixo, um trecho da entrevista realizada com a estagiária de pedagogia responsável pela oficina de trabalho:

Não conseguimos atender todos os pacientes do CAPS, vemos aquele que querem realmente voltar para o mercado de trabalho, que tem condição, que está bem, porque não queremos causar um desconforto com o usuário, acho que tem muita relevância [*a oficina*] tanto pela questão prática como pela social porque vários deles [*usuários*] dizem que só ficavam em casa, que tinham contato apenas com as famílias. Poder inseri-los no mercado de trabalho não é só pela questão do dinheiro, mas por uma questão social. (**ESTAGIÁRIA** - registro em diário pessoal, grifos meus).

Durante a minha observação da oficina, destaquei alguns aspectos pedagógicos que achei importante e pertinentes, tais como o olhar atento dos profissionais que desenvolvem esse atendimento com os usuários; pensar os usuários que querem e podem voltar ao ambiente de trabalho formal, pensando na educação para o trabalho e na condição do usuário em estar em um ambiente novo, com atividades que exigem responsabilidades para um fazer coletivo; práticas pensadas para além do espaço de saúde do CAPS e, as práticas de inclusão.

## 6. O QUE PULSA: COMPREENSÃO DA AÇÃO PEDAGÓGICA NO CAPS

Escolher o CAPS II para a minha pesquisa foi muito importante para confirmar a certeza da potência desse espaço. Fiz meu primeiro estágio obrigatório na área de educação especial neste local. Meu desejo inicial, lá no estágio obrigatório, era o de ter realizado no setor de Oncologia Pediátrica no HCPA, mas as vagas já haviam sido preenchidas, somado a isso e por insistência de uma colega, aceitei o desafio de estagiar no CAPS, onde realizamos a nossa prática em dupla. Como contextualizado anteriormente, essa experiência foi remota pois era época da pandemia de Covid-19. Eu nunca havia trabalhado com adultos, confesso que no início tive frio na barriga, por sentir que eu não seria capaz de desenvolver com eles uma experiência legal, que fizesse sentido para eles e para mim. Senti medo de infantilizar alguma atividade e assim perder as propostas com seus reais sentidos. Isso tudo era medo do desafio que viria pela frente.

Retornar para realizar essa pesquisa, foi muito importante, todos esses medos haviam ficado de lado quando fui recebida, agora de maneira presencial, com muito carinho e curiosidade pelos usuários. No nosso primeiro contato, eles estavam esperando o horário para o início da oficina de vôlei, haviam em torno de doze usuários muito empolgados. Para as oficinas de vôlei, os usuários se deslocam do CAPS e caminham em torno de dez minutos para chegar à quadra cedida. Foram dez minutos de muitas conversas e partilhas de experiências, seja uns com os outros ou com os profissionais que os acompanhavam.

Conhecer o espaço físico do CAPS foi especial, pois concretizou-se toda a experiência positiva que eu já tinha com o espaço. A conduta ética e respeitosa é algo que chama a atenção de quem frequenta o espaço do serviço. Durante os dias de observação notei esse mesmo respeito, a afetividade, paciência, as trocas de saberes e aprendizagens, entre tantas outras coisas nas quais eu poderia listar de maneira longa. Mas essa relação que há entre os usuários e os profissionais presentes, também são minúcias do cotidiano que não se pode traduzir, nem mesmo em palavras.

Durante o tempo de observação, uma fala sobre inclusão e reinserção social foi uma das que mais me fez refletir, pois fiquei pensando que muitos usuários não sabiam o que é isso e nem que “isso” é um direito deles, pois é um dever do governo garantir uma quantidade de vagas a quem tem direito às cotas.

Em um outro momento marcante, durante a oficina de trabalho, foi apresentado um *podcast* aos usuários, a estagiária que estava responsável no dia perguntou quem já havia escutado um *podcast* antes, alguns usuários relataram que nunca tinham ouvido e nem sabiam o que era. Sabemos que os *podcasts* são um recurso bem atual e que vem ganhando bastante força, então porque os usuários não conhecem? Isso se dá porque a grande maioria dos usuários do CAPS são de baixa renda, muitos não têm celular próprio por questões financeiras. Matos (2022) em sua pesquisa nos relata sobre uma população que é sempre deixada à margem, em seu trabalho, ela refere-se à população preta, aqui, colabore com essas reflexões e acrescento os loucos (MIRANDA, 2014). Na margem, as pessoas que são deixadas ali não possuem opções, nem mesmo daquilo que julgamos que “hoje em dia todo mundo tem/sabe”, como é o caso do acesso a essa ferramenta digital. Utilizo desse exemplo pois é o que estava presente na oficina, mas poderia citar muitas outras demandas de cunho político-social.

No diz que respeito a ação pedagógica no CAPS, percebo a importância do planejamento, da escuta e de uma prática que é comum a sala de aula (embora aqui faço vários desdobramentos para ampliar o olhar da pedagogia para fora da escola): pensar no que faz sentido para aquele indivíduo, seu contexto, mas também considerar que, se não nesse espaço, em qual outro lugar os usuários teriam acesso a algumas informações? Em que outro lugar eles ouviriam *podcast*? Será que fariam passeios? Bordariam? A ação no CAPS visa a autonomia do sujeito para circular nos diversos espaços dos diferentes territórios, mas enquanto o usuário não toma o protagonismo do exercício da sua cidadania, é esse espaço que colabora com isso. Assim como Castro (2022, p. 40), “Acredito fortemente no planejamento acompanhado da experiência no território e com os usuários de saúde mental”.

A dimensão pedagógica no CAPS II vai muito além das oficinas terapêuticas, durante o período de observação fica claro que está presente nas conversas durante a ida até a quadra de esporte, está presente em uma risada espontânea ou em um olhar mais cuidadoso para aquele usuário que está mais introspectivo, num determinado dia, ou em uma piada sem graça.

O curso de pedagogia nos proporciona um repertório muito grande para pensar em como usar o melhor recurso, como ser objetivo e facilitador das aprendizagens daqueles no qual estamos interagindo, para que absorva a informação e não tenha dúvidas. Essa mediação ficou muito clara no decorrer dos

dias na oficina, a preocupação em “falar a mesma linguagem” dos usuários para que eles compreendessem as propostas, além de procurar outros recursos que tratassem o mesmo assunto, mas com uma abordagem diferente, demonstram um cuidado educacional.

## REFERÊNCIAS

AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 2004. Ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para curso de pós-graduação: noções práticas**. 5. ed São Paulo: Atlas, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Portaria Nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011. **Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde**. Diário Oficial da União 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 336 de 19 de fevereiro de 2002. **Dispõe sobre as diretrizes de organização dos CAPS**. Disponível em: <  
<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/459319/pg-22-secao-1-diario-oficial-da-uniaodou-de-20-02-2002/pdfView>> . Acesso em: 03 abr. 2023.

CASTRO, Karolyne de Oliveira. **Entrelaços da educação e saúde: narrativas de pedagogas em formação e a atuação no Centro de Atenção Psicossocial**. 80 f. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. Porto Alegre, 2022.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2006. Disponível em:  
[https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE\\_rcp0106.pdf?query=LICENCIATURA](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_rcp0106.pdf?query=LICENCIATURA) . Acesso em: 26 de abr. de 2014.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**. Blumenau, v. 2, n. 4, pp. 01–13, Sem II. 2008.

GHANEM JUNIOR, E. G. G. Educação formal e não-formal: do sistema escolar ao sistema educacional. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Educação formal e não-formal**. São Paulo: Summus, 2008. p. 59-89.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos**: inquietações e buscas. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia, Ciência da Educação? In: PIMENTA, S. G (Org.). **Pedagogia, ciência da educação?** São Paulo: Cortez, 1996, p. 127.

MATOS, Aline Milena Castro. **“Oh sora”**: entre espalhações de uma pedagoga preta em um centro de atenção psicossocial adulto. 50 f. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. Porto Alegre, 2022.

MIRANDA, Aline Britto. **A tentativa de uma pedagogia “desincapsuladora”**. 54 f. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. Porto Alegre, 2014.

NASI, Cíntia; SCHNEIDER, Jacó Fernando. O Centro de Atenção Psicossocial no cotidiano dos seus usuários. **Revista Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1157-1163. São Paulo, 2011. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/69735/000793185.pdf?%20sequence=1>> Acesso em 01 de abril. de 2023.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**. (online), Brasília, v. 96, n. 244, p. 561-576, set./dez. 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/SgHzCz9mYprkCV6RtTR368v/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 04 de abril. de 2023.

VALENTE, Pablo. **A Reforma Psiquiátrica no Brasil e a Política de Saúde Mental do SUS.** CENAT, s.d. Disponível em <https://blog.cenatcursos.com.br/a-reforma-psiquiatrica-no-brasil/> Acesso em 23 de março de 2023.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

## ANEXOS

### ANEXO 1 – PROPOSTA DE PARCERIA PARA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA - LICENCIATURA

**Linha de pesquisa: Compreensão da ação pedagógica no CAPs II.**

**Aluna: Maria de Lourdes da Rosa Pereira**

**Orientador: Prof. Dra. Karine dos Santos**

#### PROPOSTA DE PARCERIA PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Prezado coordenador,

A pesquisa, com título provisório, “*Compreensão da ação pedagógica no CAPs II*” tem como objetivo, analisar a dimensão pedagógica das oficinas desenvolvidas por estagiárias em pedagogia com os usuários do CAPs II, de maneira a compreender como contribuem na vida dos usuários como um todo (desenvolvimento pessoal, social e saúde física e mental).

Tendo presente que o campo empírico da pesquisa direciona-se ao trabalho desenvolvido em um CAPs, entendemos que seria fundamental para este estudo poder contar com esta parceria do CAPs II, localizado na região centro de Porto Alegre onde faz parte do Hospital de Clínicas (HCPA) .

Neste sentido, gostaríamos de formalizar o convite referindo que sua participação implicará no compromisso da liberação para fazer um estudo sobre a ação pedagógica desenvolvida dentro do CAPs, contribuindo para entendermos melhor a importância do profissional da educação na área da saúde mental. Serão, inicialmente, três momentos: 1. observação participante; 2. entrevistas com a estagiária(s) de pedagogia e as supervisoras(s) das oficinas; e 3. entrevistas com os usuários participantes das oficinas.

Todas as informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Para isso, além da utilização de nomes fictícios, procederemos com o cuidado para preservar a identidade de cada envolvido. Atendendo as normas da ética na pesquisa utilizaremos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será disponibilizada a cada participantes das etapas da pesquisa.

Colocamo-nos à disposição para esclarecimentos,

Maria de Lourdes da Rosa Pereira

Estudante



Karine dos Santos

professora orientadora

13 de Outubro de 2022.

Contatos:

Celular – 51 980337628

E-mail – [maria.pedagogiaufrgs@hotmail.com](mailto:maria.pedagogiaufrgs@hotmail.com)

## ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Sra.

Você está sendo convidada a participar de um estudo que está sendo desenvolvido pela graduanda Maria de Lourdes da Rosa Pereira, com a coordenação da Prof. Karine dos Santos, intitulada “Compreensão da ação pedagógica no Caps II”. Abaixo, esclarecemos os objetivos do estudo e as condições de participação.

**NATUREZA DA PESQUISA:** Esta é uma pesquisa que tem como finalidade compreender a ação pedagógica no CAPs II, entender as contribuições que um profissional da área da educação pode desenvolver na área da saúde e mais específica no CAPs II, na saúde mental.

**PARTICIPANTES DA PESQUISA:** Participaram desta pesquisa uma estagiária de pedagogia e os usuários que fazem parte da oficina.

**ENVOLVIMENTO NA PESQUISA:** Ao aceitar participar deste estudo você participará de uma entrevista com algumas perguntas sobre a oficina desenvolvida com os usuários. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo pode entrar em contato com a Prof. Karine dos Santos e/ou a graduanda Maria de Lourdes da Rosa Pereira.

**SOBRE A ENTREVISTA:** A entrevista será on-line, em formato de questionário, onde haverá perguntas simples com respostas dissertativas sobre o trabalho realizado no CAPs, as oficinas e outros pontos que considere relevantes.

**RISCOS:** Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na pesquisa, conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Os riscos decorrem da possibilidade de algum constrangimento, considerando que as questões a serem abordadas estão estreitamente vinculadas às percepções individuais de cada discente sobre a sua formação. Para minimizá-lo, a estudante tem liberdade de se recusar a responder

o questionário ou solicitar a não utilização das suas respostas, tendo a sua inscrição interrompida e/ou cancelada a qualquer momento, respeitando o seu interesse.

**CONFIDENCIALIDADE:** Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Para isso, além da utilização de nomes fictícios, procederemos com o cuidado para preservar a identidade de cada envolvido.

**BENEFÍCIOS:** Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas, colaborando para a compreensão da ação pedagógica dentro do CAPs II.

**PAGAMENTO:** Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

#### CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

---

Nome do participante

---

Assinatura do participante

---

*Karine dos Santos*  
Coordenadora da pesquisa

Porto Alegre, \_\_\_ de outubro de 2022.

Agradecemos a sua autorização e a participação, desde já. Colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Para isso, basta entrar em contato com:

Pesquisadora Responsável: Karine dos Santos, telefone (51) 998155365, e-mail: [karinesan@gmail.com](mailto:karinesan@gmail.com).

Graduanda: Maria de Lourdes da Rosa Pereira, telefone (51) 9980337628, e-mail: [maria.pedagogiaufrgs@hotmail.com](mailto:maria.pedagogiaufrgs@hotmail.com).